

## Arquipélago de Anavilhanas

Labirinto de vida  
no coração da floresta

As águas do rio são diferentes conforme o tipo de sedimento que levam. Se correm por terrenos rochosos, são límpidas e ótimas para o consumo, embora pobres em nutrientes e vida. Quando atravessam florestas, arrastam detritos minerais e vegetais, adquirindo uma fertilidade natural que atrai as espécies. Na Amazônia, o Rio Solimões exemplifica bem este segundo caso: ele carrega enormes quantidades de material em suspensão.

Já o seu vizinho, o Rio Negro, transporta poucos sedimentos e tem margens pobres. Mas é nele que está o segundo maior arquipélago fluvial do mundo: Anavilhanas. São mais de 300 ilhas de diferentes tamanhos, espalhadas numa extensão de rio de 90 quilômetros por 15 de largura. Mais relevante que o seu tamanho, porém, é a vida que este arquipélago verde abriga.

O lugar dá motivação a duas piracemas anuais. Nas cheias, de novembro a julho, peixes que habitam o Solimões vêm ao Negro banquetear-se de insetos e frutos que caem das árvores. Na água, sementes libertam-se dos frutos devorados, ganham a correnteza e preparam-se para germinar mais adiante. Assim se forma a cadeia alimentar que faz de Anavilhanas um verdadeiro laboratório natural.

### O reino dos bichos

Na seca, de agosto a novembro, os peixes retornam ao Solimões e o Negro ganha praias brancas. As ilhas crescem, e aí se dá um outro fenômeno com a aproximação dos dois mundos que compõem esse complexo ecossistema.

Enquanto os animais saem da mata virgem para se aventurar nas ilhas, a fauna do arquipélago faz o caminho inverso, embrenhando-se na selva. Macacos, cobras, jaguatiricas e cachorros-do-mato transitam espertos em todas as direções. No alto, patos selvagens, araras, papagaios, tucanos, urubus-rei e harpias. A densa floresta protege ainda onças ameaçadas, que resistem com unhas, dentes e passadas rápidas.

Para completar, durante todo o dia surgem botos. Nos finais de tarde, eles parecem que ficam ainda mais agitados. Na ânsia de atacar os cardumes, saltam freneticamente de um lado para o outro. E nem sempre dá para identificar se são botos vermelhos, tucuxis ou rosa — lá existem os três! Em Anavilhanas tudo se ajusta. O ciclo de inundações é previsível e infalível. E com ele criam-se os lagos, os igapós e os igarapés. Tudo é água — e a vegetação aprendeu a sobreviver mesmo submersa. Com um barco pequeno é possível entrar nas ilhas. Desliga-se o motor e avança-se a remo, sem barulho. Então, ouvem-se as vozes de Anavilhanas. Ali, a natureza ainda pia, canta, farfalha e emite estranhos sons. É um passeio inusitado por trilhas aquáticas, de uma beleza explícita.